

“A Guiana permanece no coração do meu trabalho”

– Entrevista com Catherine Le Pelletier

Vanessa Massoni da Rocha¹
Tradução Cássia de Jesus²

Resumo: Catherine Le Pelletier é doutora em letras e professora associada pela Universidade das Antilhas. Na entrevista concedida à Vanessa Massoni da Rocha, a intelectual de origem guianense aborda – de maneira didática e generosa – temas importantes do universo literário da Guiana. Localizada na América do Sul, mais precisamente entre o Suriname e o Brasil, a Guiana é um departamento francês ultramarino desde 1946.

Catherine Le Pelletier é doutora em letras e professora associada pela Universidade das Antilhas. Na entrevista concedida à Vanessa Massoni da Rocha, a intelectual de origem guianense aborda – de maneira didática e generosa – temas importantes do universo literário da Guiana. Localizada na América do Sul, mais precisamente entre o Suriname e o Brasil, a Guiana é um departamento francês ultramarino desde 1946.

1 Professora de Literatura francófona na Universidade Federal Fluminense (Niterói, Brasil) onde ela desenvolve pesquisas em torno da literatura antilhana. Idealizadora e co-organizadora do Seminário Internacional de Literaturas Caribenhas. Autora dos livros *Por um protocolo de leitura do epistolar* (2017) e *Tradução em (ent)revista: Simone Schwarz-Bart e as tradutoras brasileiras* (2021) e inúmeros artigos sobre as literaturas antilhanas.

2 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET- Universidade Federal de Santa Catarina). Graduada do curso de Letras-Francês Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, foi bolsista do PIBIC-Cnpq no período de 2013 a 2016. Atuou como professora de língua francesa no projeto de extensão Casa Cultura no Campus e Casa de Cultura e Expressão Francesa na Universidade Federal de Alagoas, participou também dos projetos Idiomas sem Fronteiras e Plei (Programa de Línguas Estrangeiras no Interior), como professora de língua francesa na Universidade Federal de Alagoas.

A relação entre Catherine Le Pelletier e o Brasil se intensifica durante a década de 2010. Em 2018, a autora escreveu um romance que retrata um casal brasileiro; romance atravessado por canções de Tom Jobim, Caetano Veloso e Chico Buarque e que foi publicado no Brasil antes de ter ganhado sua versão francesa. A cidade do Rio de Janeiro torna-se cenário de uma parte de seu primeiro romance, *Rapsódia de Jazz para Damas* (2012). Em 2021, a escritora e pesquisadora conduz uma conferência³ sobre a Guiana Francesa, no âmbito do Ciclo Caribe Real & Sonhado, organizado por Vanessa Massoni da Rocha com a iniciativa da Biblio-Maison e da Biblioteca do Consulado da França no Rio de Janeiro.

A primeira publicação de Le Pelletier, *Tinta Negra – A língua em liberdade* (Ibis Rouge, 1998), nos leva ao seu passado de jornalista da RFO e de apresentadora do programa literário “Tinta Negra”. Criada sob sua pena em 1993, difundia obras e acolhia escritores – todos negros. Faz-se necessário destacar – para uma conversa em torno da temática socio-cultural. Inscrita sob o paradigma da descoberta e da propagação da literatura de expressão negra, a obra *Tinta Negra* reúne algumas das principais entrevistas do programa com escritores, tais como, Edouard Glissant, Maryse Condé, Victor Headley, Sapphire, Patrick Lemoine, Simone Schwartz-Bart, Ernest Pépin, Raphaël Confiant, Frankétienne, Louis-Philippe Dalembert, Marie-José Hoyet e Yanick Lahens.

Dentre seus ensaios, é preciso citar previamente o livro *Literatura e Sociedade: a Guiana* (Éditions Ibis Rouge, 2014). A obra retoma sua tese de doutorado em literatura francesa, francófonas e comparada, submetida em 2011 à Universidade das Antilhas e Guiana Francesa, sob a orientação de Roger Toumson. Trata-se de um estudo de grande fôlego sobre seu território natal e tornou-se uma obra de referência para a história literária e para os imaginários guianenses. Uma outra publicação essencial, *Imagens Guianenses: Instantes da Guiana*, (The Book Edition, 2010), pretende ser um tipo de bibliografia da Guiana em imagens. Situada na Amazônia, a Guiana é repleta de paisagens deslumbrantes de tirar o fôlego.

O trabalho de Catherine Le Pelletier fricciona a história, a crítica literária e a cultura guianense, a isto se refere Patrick Chamoiseau: “Glissant dizia que é preciso ser etnógrafo de nós mesmos”⁴» (ROCHA, 2021, s/p). Graças a seu olhar e a sua

3 Essa transmissão está disponível no canal do Escritório do livro: <https://www.youtube.com/watch?v=BK0mAphqNI>

4 <https://pluton-magazine.com/2021/09/09/bresil-vanessa-massoni-da-rocha-entretien-avec-patrick-chamoiseau-2eme-partie/>

pluma de forte conotação etnográfica, ela nos deixa por herança o livro: *Michel Lohier, Regionalista e Folclorista Guianense* (Ibis Rouge, 2008). Criador do jornal “*Parallèle 5*”, Lohier recolhe um repertório de contos e lendas orais da Guiana em uma publicação fundamental para a memória oral do país. Ele se dedica igualmente a estabelecer e difundir um panteão de figuras notáveis de seu país natal.

No que diz respeito à ficção, Catherine Le Pelletier consagra dois romances ao escritor guianense Léon-Gontran Damas, poeta titular e um dos chefes da Negritude. Ele torna-se o personagem principal de *Rapsódia de Jazz para Damas* (Idem, 2012) e de *Damas – o brilho das lágrimas* (Nèg Mawon, 2020). Enquanto o primeiro retrata algumas anedotas e fatos marcantes de Damas entre Cayenne, Paris, Rio de Janeiro e Washington, o segundo privilegia a Guadalupe e seus encontros com personalidades guianenses e outros nomes importantes para Damas.

A escritora publica o romance *Pastel de Belém* (Pontes, 2018), traduzido por Vera Pereira. Centrado em um casal brasileiro, Luciana e João, ela de Macapá e ele de Belém, o livro foi lançado no Brasil em tradução brasileira, antes de aparecer como o *Brasil Vanilla* ou *la saveur de la vie*⁵ (The Book Edition, 2019) em edição francesa. A história promove um debate sobre a vida conjugal, a sedução, as traições, o assédio, a posse e as fronteiras do sentimento amoroso de um casal composto por uma crítica gastronômica e um chef cozinheiro⁵.

Em sua entrevista, Le Pelletier reconhece uma “ressonância sensitiva” da Guiana em suas produções, sejam acadêmicas, sejam ficcionais. Além de sua experiência pessoal, marcada por um movimento de vai e vem entre a Guiana, Antilhas (ilhas do mar do Caribe) e a França metropolitana, a pesquisadora defende que a ancoragem no território permite aos escritores guianenses efetivar uma afirmação identitária.

Ela menciona Léon-Gontran Damas, René Maran e Bertène Juminer como escritores clássicos guianenses, postos cada vez mais em destaque no domínio social do departamento, graças a criação da Universidade da Guiana (2014). A autora insiste sobre a importância da universidade na promoção de textos de autores guianenses. Na verdade, a literatura guianense se mostra ainda como marginalizada, desconhecida, circulando menos ainda do que a da Antilhas no âmbito francófono.

5 Em entrevista concedida à Vanessa Massoni da Rocha no âmbito do II Ciclo Caribe real & sonhado – Diálogos Caribe-Brasil, em 22 de setembro de 2022, a autora discorre sobre esta publicação. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ILGFQcPm0yA&t=757s>

Catherine recomenda *Atipa* (1885), obra de Alfred Parépou, como uma porta de entrada para as produções guianenses. Livro ousado, escrito inteiramente em crioulo sob um pseudônimo, ofertando uma sátira afiada da Guiana. *Atipa* não se organiza em torno de uma intriga dentro dos modelos canônicos. Certamente, a obra se serve dos diálogos como pretexto para descrever a Guiana, para compor um retrato desse espaço caracterizado, dentro de outros elementos, pelo garimpo, pelo mundo florestal e pela Amazônia.

Espaço plurilíngue ancorado na oralidade – o francês e o *créole* guianense, sendo as línguas mais presentes, a herança patrimonial guianense remonta aos contos, aos mitos e às lendas, fontes inesgotáveis dos imaginários locais, como ela nos explica no decorrer da entrevista. A intelectual guianense foca sua atenção sobre o clássico *Batouala* (1921), de René Maran e destaca seu caráter precursor ao adotar a perspectiva do Negro. Ela faz ainda alusão às vozes femininas na literatura e ao diálogo estabelecido entre o mundo literário e o mundo político, por meio, notadamente, de Léon Damas e de Christiane Taubira.

Le Pelletier afirma a existência de linhas literárias guianenses aproximando os escritores René Maran, Léon Damas, Serge Patient e Élie Stephenson. No mais, ela reivindica o papel principal – e não secundário – de Damas pela Negritude. No que diz respeito à relação entre a Guiana e as Antilhas, estão em jogo, segundo a guianense, o passado colonial e os temas parecidos nos escritos, frutos de histórias convergentes. A título de exemplificação, a Guiana abriu os braços aos sobreviventes da erupção da Montanha Pelée, em 1902, na Martinica, o que explica em parte essa fraternidade entre os dois departamentos.

Para concluir, Catherine Le Pelletier admite que suas produções querem contribuir para o florescimento da literatura guianense e o conhecimento do território. Nesse sentido, essa entrevista pretende ser um encorajamento para os pesquisadores brasileiros – e internacionais – e ao público em geral diante da descoberta – tardia, mas sempre válida – da riqueza literária guianense. Enumerando autores e obras (em destaque a bibliografia selecionada no fim da entrevista), a intelectual abre portas, quebra fronteiras e nos convida a uma viagem reveladora num espaço vizinho, tão perto em termos geográficos, mas ainda distante em termos de pontes sócio-culturais no olhar do público brasileiro.

Vanessa Massoni da Rocha: *O conjunto das suas publicações dá um enorme destaque à Guiana. Por que seu país de nascimento ocupa um lugar central em suas reflexões? Esta onipresença seria uma preferência, uma missão ou uma necessidade?*

Catherine Le Pelletier: Na história da literatura, constata-se que seja o que for que façam, seja o que for que tenham desejo de escrever, os autores não podem desprezar suas origens, seu país traz sempre uma ressonância sensitiva à qual eles não podem cessar de responder. Um jogo poderia por outro lado consistir em procurar nos escritos os indícios de sua vivência, tamanha é a presença da parte biográfica na ficção. A tal ponto que o limite entre o real e o imaginário é regularmente quebrado. Ao que diz respeito a Guiana permanece no coração do meu trabalho e me parece que várias razões poderiam explicar isso. A primeira é bem evidente, eu nasci na Guiana, eu cresci lá, é o país onde eu conheci os aromas, os sabores, a musicalidade das línguas. Lá eu tentei também conhecer nossa sociedade e seus componentes. Ter interesse pela Guiana através de uma pesquisa base ou de minha criação, é simplesmente uma evidência, não uma missão.

Dito isto, as obras concernentes à literatura da Guiana são raras. Vocês sabem também que as leis de marketing, que ajudam a difusão de obras de nossos autores, é menor que a de países ou de regiões vizinhas. Dessa forma, eu estou feliz de contribuir com a propagação de nossas literaturas e o conhecimento de nosso território.

Desde quando você não mora mais na Guiana Francesa? De que maneira a distância influenciou seu olhar sobre este espaço?

Eu deixei a Guiana sem jamais me separar dela. Desde que não faço mais parte do seu cotidiano, retorno para lá com frequência, às vezes, várias vezes durante o ano, um pouco como se o ímã que ela representa aguçasse sua força de atração ao longo do tempo, em vez de diminuir. Esse movimento de vai-e-vem facilita a análise e o olhar mais distante. Dessa forma, você observa as transformações ou as estagnações de um lugar, os atos e as reações das pessoas. Você constata também mais rapidamente as evoluções linguísticas que atraem o interesse por uma situação, uma personalidade.

Em 2014, você publicou o livro Literatura e Sociedade: a Guiana. Em linhas gerais, de que maneira a literatura guianense é o espelho de sua sociedade?

A literatura é o reflexo da vida de uma sociedade, ela descreve o ambiente, os acontecimentos importantes, as pessoas que vivem sobre um dado território. Na Guiana, o ambiente é extremamente importante. De tal forma que o país, ele mesmo, é centro das inquietações dos autores, o gigantismo amazônico não deixa indiferença. Contribui, inclusive, para a afirmação identitária que os autores

reivindicam. Essa afirmação, aliás, é o ponto principal dos escritores guianenses, ela é acompanhada por um imaginário no qual o mundo silvícola ou do garimpo servem de teatro para o desenvolvimento das intrigas.

Paralelamente, com a chegada das novas gerações, os protagonistas ficam ancorados em seu território e os temas abordados incluem, certamente, a presença de diferentes sociedades, mas a particularidade é esta da auto-afirmação através da ancoragem ao território, seja qual for a língua utilizada. O francês permanece como língua oficial, a língua veicular que serve para comunicação administrativa e a comunicação entre as comunidades. Mas o *créole*, além de ser a língua vernacular da sociedade epônima, ocupa também esse papel, pois é utilizado pelas Nações ameríndias ou nas comunidades Businenges. *Créoles*, Ameríndios, Businenges, escrevem, então, em suas próprias línguas. Algumas dentre elas só foram codificadas apenas no final do século XX, o que não impede em nada o acesso ao imaginário literário. A literatura oral é a primeira literatura na Guiana. Rica, ela é composta de contos, de mitos, de lendas sendo transcritas. A herança patrimonial literária é a chave da compreensão da Guiana, ela passa pela presença das línguas vernáculas de todas as comunidades, sem exceção.

Como se dá a recepção da literatura guianense na Guiana? As obras guianenses integram os programas escolares? Elas têm espaço nas livrarias?

A mudança começou com o novo século, pouco antes do ano 2000. Em Caïena, Kourou e Saint-Laurent-du-Maroni, as livrarias agora oferecem uma ampla gama de obras regionais e, de fato, os autores guianenses encontram seu lugar lá. Encontram-se com um interesse acentuado do público.

Paralelamente e desde a sua criação em 2014, a Universidade da Guiana integra em seu curso de Letras o estudo de textos de autores guianenses e, regularmente, Damas, Maran ou Juminer estão no programa. Esses autores guianenses considerados agora como “clássicos”, já são conhecidos por estudos do ensino médio graças à participação de alguns professores que fazem o esforço de apresentar alguns escritos a seus alunos.

E se podemos medir o caminho percorrido quanto ao conhecimento dos autores da Guiana, sabemos também que o trajeto não está concluído. Aliás, ele nunca estará. Incansavelmente, os diferentes atores ligados ao livro continuam a trabalhar por seu conhecimento, sua difusão e sua transmissão.

A literatura guianense encontrou seu lugar junto à França metropolitana? Ela está ainda hoje reduzida a um olhar exótico por parte da antiga metrópole?

No mundo literário, notamos na França, como em outros lugares, uma abertura para o mundo. Victor Hugo dizia “A literatura é um país sem fronteiras”. Essa afirmação atesta-se cada vez mais, graças, notadamente, às novas tecnologias que permitem abolir as distâncias. Você pode estar instalado sobre uma colina no mais profundo da floresta amazônica e ler, ver, escutar, uma obra japonesa, malgaxe ou maliana. Da mesma forma, uma vez que o acesso à chamada literatura “estrangeira” é facilitado, elas são solicitadas, apreciadas e divulgadas tanto em livros em papel como em plataformas digitais. A evolução, agora rápida, não está mais no tempo em que esperávamos uma obra por várias semanas após tê-la solicitado. Hoje, não somente a substituição dos livros nas livrarias é em série, mas o número de livros é exponencial: há cada vez mais publicações.

Neste concerto internacional, as literaturas de outros lugares encontram um lugar crescente, favorecido pela sensação de proximidade. Na verdade, muitos textos agora são traduzidos de centenas de línguas, sejam nacionais ou regionais. É nesse contexto que as literaturas das antigas colônias francesas se instalam e suscitam igualmente um interesse que hoje conhece uma dimensão diferente dos primeiros tempos de descoberta. Assim, vários autores das Américas, do Caribe e das Mascarenhas são regularmente recompensados, estudados, citados e alguns gravitam no mesmo espaço que escritores da França.

Paradoxalmente, as literaturas da Guiana não se beneficiam de todas as alavancas e ainda são marginalizadas. E mesmo que saibamos a importância do marketing editorial, precisamos constatar a diferença de tratamento com outras literaturas. Além do fato de que as literaturas da Guiana poderiam se beneficiar de um olhar novo, é de fato seu desconhecimento que ainda está em questão hoje. Infelizmente.

Qual autor (e qual/quais livro(s) você acredita ser uma porta de entrada para quem nunca teve contato com a literatura guianense?

A maior obra literária da Guiana permanece, no meu ponto de vista, *Atipa*, de Alfred Parépou. É um romance publicado em 1885, por um autor de quem não sabemos nada com certeza, mesmo se várias suposições são feitas por diferentes autores. *Atipa* é conhecido como o primeiro romance escrito inteiramente em *créole*. Trata-se de um romance dividido em doze capítulos, tendo como personagem principal “Atipa”, que, de acordo com seus encontros, explica diferentes aspectos

da Guiana da época. Apresentam-se questões de linguística, de garimpo e de desenvolvimento econômico, de política... Por meio das conversas que o protagonista Atipa desenvolve com os amigos que conhece, ele explica cada um dos assuntos que aborda. Assim, o leitor faz uma imersão na Guiana do século XIX, tendo as chaves para compreensão do cotidiano, dos hábitos e da organização do país. É uma obra ousada para a época, porque critica o colonialismo e a estrutura posta sobre o território. É, aliás, provavelmente a razão pela qual o autor utilizou seu pseudônimo. A obra esteve escondida durante muito tempo, preservando assim a identidade de seu autor até hoje. Essa sátira da Guiana da época permanece preciosa e ensina também sobre a língua *créole*, transcrita pela primeira vez. É, de fato, um dos primeiros marcos da literatura da Guiana, cujo imenso significado foi destacado pela UNESCO⁶.

No entanto, *Atipa*, não é uma obra literária de ficção clássica, não diz respeito a um romance com a acepção que temos hoje sobre esse tema: não tem ação, nenhuma história para falar, nenhum enredo. Os diálogos que o protagonista mantém, as pessoas que ele encontra ao longo de sua caminhada, têm somente o pretexto de descrever o país tal como ele o percebe.

A obra Batouala, de René Maran, pode ser considerada uma das obras-primas dessa literatura? Qual a sua importância?

Sim, você tem razão, *Batouala* pode seguramente ser considerada como obra-prima de nossa literatura caribenha francófona, por diversas razões. Constatamos nela a vontade do autor de oferecer ao leitor alguma compreensão dos códigos que reagem a uma comunidade Banda. Maran, empregado pela administração colonial, estava bem colocado para conhecer seus códigos sociais, dos quais entrega algumas chaves.

Paralelamente, Maran estava no serviço colonial da França. Ele executava ordens recebidas com o objetivo de levar “a civilização” ao centro dos territórios mais remotos da África negra. Não se tratava de ir ao encontro do outro, mas de lhe inculcar as regras, as leis e os códigos da sociedade europeia e, especificamente, da francesa. Infelizmente, desde seu cargo como observador privilegiado, Maran pode observar os hábitos e costumes de seus colegas e superiores hierárquicos. Foi isso que permitiu descrevê-los e denunciá-los, indignado com seu comportamento. Nisso, René Maran foi precursor.

6 https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000068108_fre

E por fim, *Batouala* é um romance escrito com o prisma do negro. Até aquele momento, pouquíssimas obras utilizavam esse método. Notamos também que somente 37 anos separam *Batouala* (1921) de *Atipa* (1885). Os dois romances puderam estar próximos, justamente por que seu foco é o interior da sociedade não dominante do país, de cujo hábito descrevem. Por último, Maran conduziu, para com este trabalho, uma obra literária particularmente estilizada, podemos tomar como exemplo os verbos que simbolizam os gritos dos animais que ele quis integrar à obra. A precisão, o rigor e a estilística, que pode parecer hoje antiquada, representam as características de um obra que permanece sendo uma referência.

Podémos afirmar que a literatura da Guiana é uma literatura majoritariamente masculina?

Desde o início do século XXI, houve uma virada na produção literária da Guiana. Enquanto, até então, esta revelava majoritariamente autores, as mulheres começaram a tomar sua parte, a ponto de tentar compensar o atraso acumulado desde o nascimento da Guiana literária. Assim, Assunta Renau-Ferrer⁷, Marie-George Thebia, Françoise James Ousenie, Sylviane Vayaboury, notadamente, iluminaram e seguem a rota escritural, com interrogações, testemunhos, relatos ou romances em pleno coração da Guiana.

E, uma vez que a literatura é uma arte, convém igualmente destacar esta que, *a priori*, poderia ser considerada como um simples livro de receitas de cozinha, mas que na realidade é uma obra apresentando as diferentes tradições da Guiana, escrita por Régine Horth: *A Guiana Gastronômica e Tradicional*.

Diversas outras mulheres autoras poderiam ser citadas, visto que a produção literária teve um crescimento considerável. A auto edição mas também a presença das estruturas editoriais clássicas sobre o território favorecem essa decolagem.

De fato, a Guiana é repleta de autores que tomaram, todos, parte de falar dela. Esta é também uma das peculiaridades da literatura da Guiana: o território está lá presente. É uma constante que se encontra nas obras desde da gênese até hoje. E entre os autores do século XXI, percebemos a presença de várias mulheres. Pode ser que elas tenham compensado o atraso que as mulheres tiveram no que diz respeito à expressão literária, em relação aos autores. Dentre elas, citamos: Moni-

7 RENAUFERRER. Assunta. *Jeux de mots*. Auto edição, 1985.

que Blerald, Sylviane Vayaboury, Marie-George Thebia, Françoise James Ousenie, Lydie Ho-Fong-Choy-Choucoutou, Eunice Richards-Pillots. Todas essas mulheres, autoras, intervêm sobre o cenário literário investindo em diferentes gêneros: ensaios, romances, poesias, teatro, novelas. Elas são símbolos da vivacidade de nossas literaturas e, notavelmente, investiram na maioria das formas literárias.

Qual foi a importância do movimento e Negritude para a literatura guianense?

Já em 1937, Damas publicou sua coletânea de poemas *Pigmentos*, onde todos os temas da Negritude estavam presentes. Inspirado por autores da Harlem Renaissance, instaurou a virada que marca o nascimento da Negritude:

(...) podemos considerar que Pigmentos serve de ponto culminante a toda uma geração de poetas que intervirão depois de Damas, mas segundo sua palavra de ordem⁸.

Pigmentos foi o manifesto da Negritude (...). Todos os poetas da geração Pós-Pigmentos foram forçados a se servir de elementos desses poemas, todas as ideias⁹

É de fato a intervenção de Damas na literatura que tocou no ponto de partida da Negritude, fato que também é reconhecido tanto por Senghor quanto Césaire. Na Guiana, digamos, a frase de Damas conhece uma ressonância que, ainda hoje, se sente nos escritos.

Dois autores guianenses estão notadamente inscritos nessa linha: Serge Patient e Elie Stephenson. Sua reivindicação damasiana passa pela afirmação identitária guianense:

Quando eu digo: exílio
eu não sei muito nem
se é acidental

8 LE PELLETIER, Catherine. *Littérature et société: la Guyane*. Caiena: Ibis Rouge, 2014, p. 190.

9 Femi Ojo-Ade, «Negritude Revisited: An interview with Léon Damas», *Manna* n° 3, 1972, p. 17, (traduzido do inglês por Femi Ojo Ade), in *Hommage posthume à Léon-Gontran Damas, Présence Africaine*, 1979, p. 158.

aqui ou em outro lugar eu me sinto exilado de minha terra
exilado de mim mesmo¹⁰[...].

A obra de Elie Stephenson é centrada sobre o conhecimento das sociedades da Guiana. Assim, em *Boni doro*, o autor dá destaque para a organização da sociedade presa no colonialismo. Nesse sentido, ele se inscreve igualmente na linha de René Maran, a quem Damas prestou forte homenagem. Maran, com *Batouala*, tinha, desde 1921, aberto caminho ao que podemos chamar de “a literatura do interior”, escritos em que o prisma não é mais o do colono branco, mas do oprimido.

Depois da captura do velho, os três grupos decidiram, ao que parece, se unir sob a direção de Boni. Muito rapidamente, por meio de ataques audaciosos, o novo grupo fez-se falar dele. A guerra de Boni teria começado.¹¹

Em seguida, outros autores se inscreveram no movimento damasiano, e a Associação dos amigos de Léon Damas contribuiu fortemente para isso, organizando a cada ano manifestações-homenagens em que a criatividade foi incentivada, como por exemplo, a oferta de prêmios ou cerimônias em que as obras criadas foram reconhecidas. Hoje, a obra de Damas é estudada e conhecida na Guiana, enquanto que esse não foi o caso por décadas, o ensino era eurocentrado.

Você publicou em 2020 o romance Damas, o brilho das lágrimas. De onde vem a ideia de transformar Damas em personagem literário? Raphaël Confiant escreveu recentemente um romance sobre Frantz Fanon. Como você entende a ficcionalização desses grandes líderes e intelectuais?

Quando um autor escolhe um protagonista para uma ficção, mesmo baseado na realidade, vale mais que se trate de uma personalidade forte. As personagens célebres, que participam de dentro na construção de um romance, obrigatoriamente interessam ao autor. Seja por sua biografia, seja por suas criações. Que escritores tornam-se personagens de romance, isso me parece totalmente natural. No caso de Damas, nós estamos lidando com uma figura tutelar na literatura, na política e na reflexão guianenses. Por outro lado, sua personalidade é mesmo *post-mortem* tão solar, que ela se inscreve naturalmente como aquela do herói de

10 PATIENT, Serge. Le Mal du Pays. *Poètes de notre temps*, n° 365, 1967, p. 12.

11 STEPHENSON, Elie. *Boni doro, la guérilla des Aluku*. Paris: Editions 3A, 2008, p. 22.

um romance. Ao seu lado, encontramos em *Damas, o brilho das lágrimas*, outros autores e homens políticos guianenses, tais como René Jadfard e Auguste Horth. Aqui também, temos que lidar com personalidades fortes, tanto humanas quanto literárias. Este trio amigável, o qual poderíamos abranger num quarteto, uma vez que René Maran tem também seu lugar, conta muito em nossa história literária. Que essas personagens se encontrem e conversem entre si, trocando pontos de vista, tenham projetos, é completamente realista, eles eram contemporâneos e os arquivos nos mostram que essas conversas poderiam ter acontecido. Eu não faço nada além de colocar palavras sobre as situações que existiram, em um dado momento na Guiana em que os homens políticos tomaram também a pluma para fazer conhecer suas ideias. Os jornais têm um papel essencial em matéria de debates e ideias.

Você identifica pontos de contato entre a literatura guianense e a literatura antilhana?

A literatura guianense está presente como tal há pouco tempo. Ela era e permanece ainda, por vezes, incluída na expressão “literatura antilho-guianense”. Quando nos voltamos à história das literaturas guianenses, se excluímos as literaturas orais e escritas que emanam dos colonos, perceberemos que a comunidade *créole* é a primeira a tomar palavra com a pluma.

No entanto, essa comunidade tem fortes ligações bibliográficas com as Antilhas e, notadamente, com a Martinica. Na verdade, ocorreu uma forte imigração martinicana para Guiana ao longo dos séculos, bem antes da catástrofe de 1902, quando o vulcão La Montagne Pelée entrou em erupção, provocando uma migração massiva de martinicanos à Guiana. Assim, existem as ligações familiares entre a Martinica e a Guiana, e em uma menor proporção, em Guadalupe.

De fato, os autores guianenses estiveram sempre associados aos martinicanos. É dessa forma que vozes são ouvidas para afirmar a martinicidade de Léon Damas e de René Maran. Vale também a pena notar que esse problema identitário emana sempre do mesmo lugar, da Martinica, não de Guadalupe. Notemos igualmente que no inverso, a guianicidade de uns ou outros autores não é reivindicada, ela se afirma nos escritos.

Para além das divergências ou das reivindicações, existem pontes entre as literaturas de nosso país. Em primeiro lugar, porque estes últimos são antigos espaços coloniais onde a história encontrou pontos de semelhança; em seguida, porque as populações *créoles* são parecidas. No plano linguístico, os *créoles* de base lexical francesa se beneficiam de uma evidente intercompreensão entre a

Martinica e a Guadalupe. No que concerne à Guiana, existe também uma intercompreensão, embora a língua seja um pouco mais diferente da das Antilhas. Assim, nas manifestações literárias que reúnem autores “antilho-guianenses” constata-se a presença de temas recorrentes nos escritos: a história dos territórios, a sua descrição, a das suas populações... o imaginário dos nossos autores gira geralmente em torno do seu próprio ambiente. É também essa proximidade que consolida as pontes, mesmo que a Guiana seja continental ao contrário da Martinica e de Guadalupe.

Catherine Le Pelletier

Doutora em letras

Professora associada – Universidade das Antilhas

Bibliografia Seletiva:

BLERALD, Monique

Musique et danses créoles au tambour. Caiena: Ibis Rouge, 2010.

Léon-Gontran Damas, Poète, écrivain patrimonial et postcolonial (sous la direction de). Caiena: Ibis Rouge, 2014.

DAMAS, Léon

Black-Label. Paris: Gallimard, 1956.

Névrologies. Paris: Présence africaine, 1966.

Retour de Guyane. Paris: José Corti, 1938.

Veillées noires, Contes Nègres de Guyane. Stock, 1943. Montréal/Ottawa: Leméac, 1972.

HO-FONG-CHOY-CHOUCOUTOU Lydie

Léon-Gontran Damas, un parlementaire méconnu, in Actes du colloque international, 2012, Caiena.

Ecole et citoyenneté en Guyane ? In: Quelle école pour les enfants de Guyane Ki lékol pou timoun lagwiyann? Caiena: Association guyanaise d'édition, 2013.

HORTH, Auguste

Le patois guyanais, essai de systématisation. Caiena: Imprimerie Paul Laporte, 1949.

HORTH Régine

La Guyane gastronomique et traditionnelle. Paris: Editions Caribéennes, 1988, 647p.

JADFARD, René

Les Dieux de bronze. Paris: Librairie de France, 1928.

Le Cantique aux ténèbres. Paris: Librairie de France, 1930 [éditeur, 1938].

Les Revendications coloniales et l'avenir de la France. Paris, 1939.

Nuit de Cachiri. Paris: 1946 (réédition, Paris, Éditions Caribéennes, 1988).

JUMINER, Bertène

Au seuil d'un nouveau cri. Paris: Présence africaine, 1978.

MARAN, René

Félix Eboué, Grand commis et loyal serviteur (1884-1944). Caiena: Editions de l'Harmattan, collection Autrement mêmes, 2007.

Le livre du souvenir. Paris: Présence Africaine, 1958, 142p.

Un homme pareil aux autres. Paris: Albin Michel, 1947, 252p.

Batouala. Paris: Albin Michel, 1921.

OTHILY, Georges

Harmonie d'Ebène. Caiena, 1965.

1928: Tragédie à Cayenne – les émeutes, la mort du docteur Jean. Paris: Éditions caribéennes, 1987.

René Jadfard ou béclair d'une vie. Paris: Éditions caribéennes, 1989.

Histoire d'une loge: la France équinoxiale 1844-1994. Caiena: Éditions L'Harmattan, 1994.

J'assume tout. Caiena: Ibis Rouge Éditions, 2005.

Bertène Juminer: une vie, un destin. Paris: Éditions L'Harmattan, 2007.

Lettre à Emeraude, 2009.

RENAU-FERRER, Assunta

Jeux de mots. Caiena: auto edição, 1985.

RICHARDS-PILLOT, Eunice

Les Terres Noyées. Caiena: Ibis Rouge Editions, 2006, 506 p.

STEPHENSON, Elie

Une flèche pour le pays à l'encan. Préface de Serge Patient. Paris: Oswald, 1975.

Poèmes négro-indiens aux enfants de Guyane. Cayenne, 1978.

Catacombes de soleil. Préface de Bertène Juminer. Paris: Éditions Caribéennes, 1979.

Terres mêlées. Paris: Akpagnon, 1984.

Comme des gouttes de sang. Paris: Présence Africaine, 1988.

La conscience du feu. Cayenne. Caiena: Ibis Rouge, 1996.

Où se trouvent les orangers? Paris: Nouvelles du Sud, 2000; 2010.

O Mayouri. (édition bilingue; Trad. Marguerite Fauquenoy, pièce de 1975). Caiena: l'Harmattan, 1988.